

VII
CONGRESSO
LUSO-BRASILEIRO
de História da Educação



Escola do Magistério Primário - Fundação (Museu da Educação)

O quotidiano num estabelecimento de ensino normal – a Escola do Magistério Primário de Coimbra (1942-1969)

Luís Mota

Escola Superior de Educação/Instituto Politécnico (ESSE/IPC); Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX/Universidade de Coimbra (CEIS20/UC)

EIXO 2 – Currículo, práticas educativas e quotidiano escolar

A Escola do Magistério Primário de Coimbra realizou a formação de professores do Ensino Primário entre 1942 e 1989. Durante duas décadas a Escola assegurou a publicação de um jornal, o *Rumo*, periódico da responsabilidade dos alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra que asseguram a respectiva direcção, redacção e administração.

A análise documental das páginas do *Rumo* – com suporte teórico na teoria ancorada (*Grounded Theory*) articulada com a análise crítica do discurso, na proposta de Teun Van Dijk – consubstanciou um estudo exaustivo, tendo como unidade de análise a notícia e os diferentes artigos que compõem o jornal. A abordagem orientou-se para a problemática ideológica e simbólica dos vários discursos, resultando numa construção da ideologia e representações no Estado Novo organizada em seis conceitos chave¹. A presente comunicação pretende dar conta do quotidiano na Escola do Magistério Primário de Coimbra sobressaindo questões como o clima relacional, as festas, as cerimónias, os órgãos institucionais e organizações existentes.

1 - O quotidiano é marcado pelo espaço e pelo edifício

A Escola do Magistério Primário de Coimbra herdou para o seu funcionamento, para além da tradição científica e pedagógica e dos recursos humanos, o edifício arrendado pela anterior Escola Normal republicana, na Sé Velha. Era ainda neste edifício que funcionava a escola anexa à Escola do Magistério Primário. Em 1944, a Escola do Magistério Primário de Coimbra desloca-se da Sé Velha para a Quinta da Rainha, junto à Cruz de Celas. Aqui permaneceria até 1958. Esta transferência é assinalada no âmbito da rubrica *Recordando...*, assinada por Majoal, referindo que «no nosso tempo foi transferida a Escola para as novas instalações da Quinta da Rainha. Aí respirava-se ar mais puro, divisávamos mais vastos horizontes»².

¹ Cf. MOTA, Luís. *A Escola do Magistério Primário de Coimbra (1942-1989). Entre Ideologia, Memória e História*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2006. Dissertação de doutoramento.

² MAJOAL – Recordando... Rumo, Jornal dos alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra. (22 de Abril de 1949).

Mas as adaptações introduzidas no edifício que serviu o Liceu Infanta D. Maria, para acolher a Escola do Magistério, vieram a revelar-se limitadoras e em 1956, publicam-se apreciações às condições de trabalho que sublinham a inadequação do equipamento e dos espaços para as *lições*³.

A construção de um edifício de raiz, anunciada através da abertura de concurso, em Dezembro de 1956⁴, conheceu diferentes projectos e localizações e em Outubro de 1958, ainda que a título precário, têm lugar as primeiras aulas no novo edifício da Escola do Magistério Primário, ao Calhabé, onde hoje se encontra instalada a Escola Superior de Educação. O edifício veio a ser inaugurado a 16 de Outubro de 1960⁵.

A mudança da quinta da Rainha para o Calhabé marcou, desde logo, a própria existência do *Rumo* que interrompeu a sua publicação entre Agosto de 1957 e Novembro de 1959. No seu regresso o jornal destaca a importância do espaço e do edifício para a educação, no contributo que este dá à prática educativa escolar, considerando-o como facilitador da adopção de práticas colectivas e individuais adequadas à valorização e progresso escolar⁶. Pelo mesmo diapasão afinam os discursos à data da inauguração, nomeadamente do seu director, Francisco de Sousa Loureiro, que considera que o espaço para educar é parte integrante da educação e do homem que se pretendem implementar e criar⁷. Acredita-se que se vão atingir índices de formação de melhor qualidade em face da localização, da capacidade – quinhentos alunos(as)-mestres(as) e setecentas crianças – e dos equipamentos dos gabinetes, de cujo funcionamento depende o aperfeiçoamento psico-pedagógico e didáctico. Em tom aparentemente dissonante, sem deixar de notar que a qualidade do espaço oferece outras possibilidades, o posicionamento do presidente da Associação dos alunos, opta por sublinhar que o que faz uma escola moderna não são os edifícios e o espaço, mas o espírito da Escola, destacando, precisamente, o «espírito» da Escola do Magistério Primário de Coimbra, só possível em virtude da acção do seu director e dos seus professores⁸.

No dia da inauguração a cerimónia foi marcada pelo peso da solenidade, com a presença de importantes personalidades políticas e religiosas, hierarquicamente colocadas e destacadas, com manifesta preocupação de inculcação ideológica e doutrinação moral, onde, na sua antecâmara, a Escola foi benzida, bem como os crucifixos – ícones com presença obrigatória nas salas de aula – seguindo-se o hino nacional e os discursos, culminando numa visita guiada às instalações⁹.

2 - Os actores. Os professores e as professoras. O director. Os alunos-mestres e as alunas-mestras.

³ Cf. Caloira Envergonhada – Carta para longe. *Rumo, Quinzenário dos alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra*. (15 de Dezembro de 1956).

⁴ Cf. Escola do Magistério Primário de Coimbra (concurso de construção). *Rumo, Quinzenário [...]*. (1 de Dezembro de 1956).

⁵ Cf. NOGUEIRA, Taborda – Escola em festa – A inauguração do novo edifício é bem uma festa escolar portuguesa. *Rumo, Quinzenário [...]*. (15 de Outubro de 1960)

⁶ Cf. GASPAR, José Maria – O Regresso. *Rumo, Quinzenário [...]*. (1 de Dezembro de 1959)

⁷ Cf. NOGUEIRA, Taborda – ob. cit. (15 de Outubro de 1960).

⁸ Idem, ibidem.

⁹ Cf. COELHO, Andurival – A inauguração da Escola com a presença dos Senhores Ministros da Educação Nacional e das Obras Públicas. *Rumo, Quinzenário [...]*. (1 de Novembro de 1960).

A principal nota de referência aos professores e professoras da Escola é o papel que desempenham na formação dos alunos(as)-mestres(as). Neste âmbito destacam-se dimensões como o papel desempenhado na formação moral, os alertas constantes para as dificuldades do futuro exercício profissional e para a necessidade de, como futuros educadores, manterem uma «conduta irrepreensível» e «muito aprumo»¹⁰ contribuindo para a construção, em cada um(a), de um «ideal verdadeiro e justo»¹¹. De um modo geral são considerados bons mestres e orientadores¹² e há mesmo quem os considere como «colegas mais velhos, especialmente ao de Desenho»¹³. Aconselhar¹⁴ e sempre prontos a colaborar¹⁵, os mestres são, afinal, apresentados como alguém que prestigia a Escola e que fazem jus ao serviço prestado a Deus, à Pátria e à Família¹⁶. Alguns professores merecem destaque nominal salientando as qualidades do homem e do professor.

Os professores de Educação Moral e Cívica, primeiro, Manuel dos Santos Rocha, amigo, conselheiro¹⁷, é destacado pela sua nomeação para bispo de Priene¹⁸ e, mais tarde, Eurico Dias Nogueira, também ele nomeado bispo. 1965, é o ano para sublinhar que, pela segunda vez, a Escola vê um professor seu nomeado bispo¹⁹.

José Maria Gaspar, professor, jornalista, político e o principal impulsionador e responsável pelo *Rumo*. Possuidor do dom da oratória²⁰, bom mestre, dedicado²¹ e uma das maiores autoridades do país ao nível da Didáctica²². A data do seu aniversário e do director, Francisco de Sousa Loureiro coincidem²³. Para além dos parabéns faziam-se votos para que «continuem a dirigir e a ensinar na Escola que frequentamos para bem do nome do Estabelecimento e do Ensino Nacional»²⁴. Ambos considerados «amigos e conselheiros»²⁵, sempre disponíveis para

¹⁰ MAJOAL – Recordando... *Rumo, Jornal [...]*. (22 de Abril de 1949).

¹¹ DIAS, Eva Neves – O valor do Ideal. *Rumo, Quinzenário [...]*. (15 de Janeiro de 1953).

¹² Cf. BANACO, Maria F. – Em Marcha. *Rumo, Jornal [...]*. (7 de Maio de 1950).

¹³ Caloira Envergonhada – Carta para longe. *Rumo, Quinzenário [...]*. (15 de Dezembro de 1956).

¹⁴ Cf. GONÇALVES, Maria Arlete Félix Botelho – Vamos educar. *Rumo, Órgão dos alunos da Escola do Magistério Primário de Coimbra*. (1 de Fevereiro de 1964).

¹⁵ Cf. OLIVEIRA, Rosinda – Uma Carta. *Rumo, Quinzenário [...]*. (1 de Novembro de 1953).

¹⁶ Cf. Maria Ortélia – Amor e dedicação. *Rumo, Órgão [...]*. (1 de Janeiro de 1968).

¹⁷ Idem, ibidem.

¹⁸ Idem, ibidem.

¹⁹ Cf. Homenagem ao Prof. Eng. Leite Pinto, Ministro da Educação na altura em que se construiu o actual edifício da nossa Escola. *Rumo, Órgão [...]*. (1 de Janeiro de 1965).

²⁰ Cf. SILVA, Maria da Conceição Constantino da – Recepção feita ao digníssimo Professor José Maria de Gaspar em Silva Porto. *Rumo, Órgão [...]*. (1 de Janeiro de 1966).

²¹ Cf. Maria Ortélia – Ob. cit.. *Rumo, Órgão [...]*. (1 de Janeiro de 1968).

²² Cf. Aniversários. *Rumo, Quinzenário [...]*. (29 de Outubro de 1952).

²³ Cf. Dois nomes e uma só data. *Rumo, Quinzenário [...]*. (29 de Outubro de 1952). A situação verifica-se ainda em 1953 e 1954 ou 1967. Veja-se para estes anos, respectivamente: DIAS, Eva Neves – O valor do ideal. *Rumo, Quinzenário [...]*. (1 de Novembro de 1953). Aniversários. *Rumo, Quinzenário [...]*. (1 de Novembro de 1954). Maria Ortélia – Dias Inesquecíveis. *Rumo, Órgão [...]*. (1 de Outubro de 1967).

²⁴ Dois nomes e uma só data. *Rumo, Quinzenário [...]*. (29 de Outubro de 1952).

dar um «conselho, palavra de incitamento e de coragem [...] quer nos nossos problemas de ordem profissional quer até nos nossos problemas de ordem pessoal e íntima»²⁶.

Francisco de Sousa Loureiro, o único director da Escola durante a publicação do jornal *Rumo*, é visto como «excelente e dedicado»²⁷, humano²⁸. Interessado, revelando «zelo e carinho» pelo jornal, está sempre disponível para prestar apoio intelectual ou material²⁹. Conjuga competência profissional como educador com elevado nível cultural, visto como «um espírito jovem, activo e dinâmico», de trato afável com os alunos(as)-mestres(as), mantendo uma relação marcada pela simplicidade, simpatia, respeito e consideração³⁰.

Os alunos-mestres e as alunas-mestras são, antes de mais, um dado estatístico, sublinhando-se o grau de feminização do ensino primário pela diferença de matrículas, entre alunos-mestres e alunas-mestras, nos anos lectivos de 1942-1943 a 1948-1949³¹.

Orgulho da Escola em face do seu desempenho profissional e pelo papel de destaque de alguns destes(as) alunos(as)-mestres(as), tendo atingido «já as hierarquias escolares, administrativas etc. na Metrópole e no Ultramar»³², sinónimo da qualidade de formação da Escola³³, resultado do esforço colectivo mas também individual³⁴.

A formação recebida transforma-os em jovens que partilham sonho, ideal³⁵ e a mesma luz como guia, aguardando a «hora de combate» para servirem sob a «bandeira» de Deus, a Pátria, a Família e o Trabalho³⁶. Num contexto que exige respeito mútuo e cumprimento do dever sem constrangimento³⁷, os(as) alunos(as)-mestres(as) são apresentados com confiança e vontade para vencer³⁸ e cumprir a missão que abraçaram no momento em que ingressaram na Escola do Magistério Primário de Coimbra³⁹.

²⁵ Idem, ibidem.

²⁶ Idem, ibidem.

²⁷ BANACO, Maria F. – Em Marcha. *Rumo, Jornal [...]*. (7 de Maio de 1950).

²⁸ Cf. F. – Uma carta. *Rumo, Quinzenário [...]*. (1 de Janeiro de 1954).

²⁹ Cf. Dois nomes e uma só data. *Rumo, Quinzenário [...]*. (29 de Outubro de 1952)

³⁰ Cf. Maria Ortélia – Dias Inesquecíveis. *Rumo, Órgão [...]*. (1 de Outubro de 1967).

³¹ Cf. C. O. – O Movimento da E. do M. Primário de Coimbra. *Rumo, Jornal [...]*. (21 de Janeiro de 1950).

³² Homenagem ao Prof. Eng. Leite Pinto, Ministro da Educação na altura em que se construiu o actual edifício da nossa Escola. *Rumo, Órgão [...]*. (1 de Janeiro de 1965).

³³ Cf. DUARTE, Urbano – Em dois anos muito andam. *Rumo, Quinzenário [...]*. (15 de Junho de 1952).

³⁴ Cf. Elevação humana. *Rumo, Órgão [...]*. (1 de Outubro de 1965).

³⁵ Cf. OLIVEIRA, Rosinda de – Uma Carta. *Rumo, Quinzenário [...]*. (15 de Maio de 1954).

³⁶ Cf. PESSOA, Madalena Faria – O nosso sonho. *Rumo, Quinzenário [...]*. (1 de Julho de 1953).

³⁷ Cf. LOPES, Álvaro S. – Festa de recepção aos antigos colegas. *Rumo, Quinzenário [...]*. (1 de Julho de 1953).

³⁸ Cf. OLIVEIRA, Maria Isabel – Olhos no futuro. *Rumo, Quinzenário [...]*. (2 de Janeiro de 1957).

³⁹ Cf. GRÁCIO, Joaquim Martins – Saudação aos novos colegas. *Rumo, Quinzenário [...]*. (1 de Novembro de 1954).

Uma terceira vertente desta identificação dos(as) alunos(as)-mestres(as) está estouta que, ainda que implicitamente, reconhece as origens humildes dos(as) alunos(as)-mestres(as) e as dificuldades que se vêm obrigados a passar para obterem o diploma do Magistério Primário⁴⁰.

3 - O clima relacional

Das narrativas para caracterizar as relações entre alunos(as)-mestres(as), na Escola do Magistério Primário de Coimbra, bem poderiam identificar-se como palavras-chave alegria, amizade, camaradagem e respeito.

Em festa de recepção aos alunos e alunas do 1º ano, Lucas Simões Pedro e António Lourenço falam de «sã camaradagem»⁴¹, sublinhando que deve existir uma «franca camaradagem, que sempre foi apanágio, daqueles que se respeitam e compreendem»⁴². A festa foi considerada como espaço de consolidação da amizade e serviu, segundo a intervenção de um aluno do 1º ano, para se «compreender melhor toda a significação da palavra “colega”»⁴³. De entre as novas há quem compare o ambiente que encontrou com o que tinha na sua turma do liceu e, quanto à novidade da convivência entre os géneros, testemunha a existência de uma relação de ajuda mútua⁴⁴. Em abertura solene do ano lectivo e considera-se que «camradagem, amizade e compreensão andaram de mãos dadas»⁴⁵.

A relação entre alunos(as)-mestres(as) e professores(as) parte do esforço destes que com atitude «bondosa, carinhosa e pacientemente [...] esclareceram e tornaram aptos»⁴⁶ os primeiros, e para atingir esse objectivo mobilizaram todo o «seu saber, Fé e Carinho»⁴⁷, não deixando, simultaneamente, de se revelarem «amigos sinceros»⁴⁸, com quem se partilharam alegrias e tristezas⁴⁹. Os professores assumem uma posição de preocupação e atenção com todas as dimensões do aluno⁵⁰. A imagem de cada um no seu lugar parece sintetizar a relação entre professores(as) e alunos(as)-mestres(as), reconhecendo que os(as) professores(as) foram além do ambiente escolar na tentativa de compreender os reais problemas destes e que os alunos(as)-mestres(as) procuraram cumprir com o dever, no sentido de atingirem objectivos comuns, pois está subjacente uma «comunhão de ideais»⁵¹ que unem professores e alunos⁵².

⁴⁰ Cf. Duma colega, M. L. – Saudação aos novos colegas. *Rumo, Quinzenário [...]*. (15 de Fevereiro de 1955).

⁴¹ PEDRO, Lucas Simões; LOURENÇO, António – A nossa festa. *Rumo, Quinzenário [...]*. (1 de Dezembro de 1956).

⁴² Idem, ibidem.

⁴³ Idem, ibidem.

⁴⁴ Cf. Caloira Envergonhada – Carta para longe. *Rumo, Quinzenário [...]*. (15 de Dezembro de 1956).

⁴⁵ A escola esteve em Festa. *Rumo, Órgão [...]*. (1 de Fevereiro de 1965).

⁴⁶ PEDRO, Maria Eugénia – Aos que vão partir. *Rumo, Quinzenário [...]*. (1 de Março de 1956).

⁴⁷ Idem, ibidem.

⁴⁸ MONTEIRO, Jorge Coutinho – Aos Novos. *Rumo, Quinzenário [...]*. (1 de Outubro de 1956).

⁴⁹ Cf. VILA, Maria Lucília – O Magusto e o seu significado. *Rumo, Quinzenário [...]*. (1 de Março de 1956).

⁵⁰ Cf. QUEIROZ, José – Ecos da nossa festa. Uma conferência do Sr. Dr. José Queiroz. *Rumo, Órgão [...]*. (1 de Fevereiro de 1965).

⁵¹ MENDES, José Maria Amado – Apreciação ao Ano Escolar. *Rumo, Órgão [...]*. (1 de Julho de 1965).

O ambiente da Escola era duma maneira geral caracterizado como ambiente familiar e no todo as pessoas consideravam-se como pertencendo a uma família. Lucília Vila define as pequenas festas como sendo «de família»⁵³. Lucas Pedro e António Lourenço referem-se à Escola como «esta nossa casa»⁵⁴ e na sua intervenção em que se dirigiu aos alunos do 1º ano, citada ao longo do mesmo artigo, António Lourenço, sublinha que «na nossa Escola, encontrareis um acolhedor ambiente familiar»⁵⁵. Francisco de Sousa Loureiro, em 1965, sublinha o mesmo familismo, ao confrontar detractores da Escola com o seu testemunho do ambiente familiar nela vivido⁵⁶.

4 - Das festas de recepção e de despedida

A sequência de anos lectivos ficou cadenciadamente marcada por dois momentos festivos, primeiro, a festa de recepção aos alunos(as) do 1º Ano, preparada pelos alunos(as) do 2º Ano, por vezes, também designada pela festa da castanha uma vez que envolvia um magusto, o segundo, preparado pelos(as) alunos(as) do 1º ano, consistia na festa de despedida dos(as) alunos(as) do 2º Ano. Por alturas da 2ª metade da década de 60, ensaiou-se uma abertura solene do ano lectivo cujo relato é limitado.

A festa da castanha

A recepção aos *novos* é feita com uma festa, preparada pelos *velhos*, que tem por ponto alto o magusto, daí o nome de festa da castanha, ainda que relativamente recente, surge legitimada por esse mesmo passado recente, daí que *já vem sendo tradicional*.

A festa é algo que é feito na Escola, pela Escola, para a Escola – estão presentes os alunos e as alunas, os professores e as professoras e o director⁵⁷.

Tomando como referência a festa de recepção de 1953, o ginásio constitui-se em espaço para a realização de um pequeno sarau onde, antes das actividades de palco – que envolvem a actuação do Orfeão de Escola, declamação de poesia, desempenhos individuais de canto, dança, de que é exemplo o Fandango e até a actuação do «Conjunto sem talento» – se assiste à intervenção de um aluno-mestre do 2º ano que dá as boas-vindas aos colegas do 1º ano e é também o momento da entrega de prémios – desta feita, do concurso organizado pelo *Rumo*, *Um conto por número*, onde foram distinguidos os autores dos melhores contos.

Findo o sarau tem lugar o magusto, em que este ano teve a particularidade de as fogueiras terem sido acesas por antigos alunos. Do convívio no Magusto resultou a confraternização, um conhecimento mais íntimo e as «enfarruscadelas».

O espaço de realização da festa nem sempre foi dentro das quatro paredes da Escola. Logo no ano de 1948, e em 1949 repetiu-se a situação, realizou-se na Nossa Senhora da Piedade, na Lousã, sobressaindo a importância festiva da viagem⁵⁸.

⁵² Cf. PEDRO, Lucas Simões; LOURENÇO, António – A nossa festa. *Rumo, Quinzenário* [...]. (1 de Dezembro de 1956).

⁵³ VILA, Maria Lucília – O Magusto e o seu significado. *Rumo, Quinzenário* [...]. (1 de Março de 1956).

⁵⁴ PEDRO, Lucas Simões; LOURENÇO, António – A nossa festa. *Rumo, Quinzenário* [...]. (1 de Dezembro de 1956).

⁵⁵ Idem, ibidem.

⁵⁶ Cf. A escola esteve em Festa. *Rumo, Órgão* [...]. (1 de Fevereiro de 1965).

⁵⁷ Cf. A Escola esteve em Festa. *Rumo, Órgão* [...]. (1 de Fevereiro de 1965).

A festa de 1949 encerra em si outra dimensão uma vez que, por se tratar de um domingo, tem lugar o santo sacrifício da missa⁵⁹ – um interregno na convivência jovial que vinha da viagem e que, significativamente, encerra com o Hino da Acção Católica⁶⁰.

No ano de 1950, as intervenções no sarau crescem e torna-se habitual e constante para o futuro que, além de um aluno-mestre do 2º ano dar as boas-vindas aos «caloiros», um destes «novos» agradeça no final da cerimónia⁶¹.

O magusto foi objecto de algumas alterações ao longo do tempo. Só em 1951 surge a primeira referência à jeropiga⁶². Em 1955 o magusto é despojado das «enfarruscadelas», facto que é motivo de congratulação⁶³, e só voltam a integrar as narrativas da festa da castanha, em plena década de 60, onde é perceptível a evolução da sociedade portuguesa com a referência ao pequeno ecrã, sugerindo-se os detergentes que a «televisão apregoa» para a lavagem das batas⁶⁴.

Em 1956 ocorrem alterações únicas e de fundo na estrutura da festa. É a primeira e única vez que a festa da castanha não integra a festa de recepção aos alunos e alunas do 1º ano, esta ocorre no Casino, no Luso, e aqueloutro, ocorrerá mais tarde. Surgem as primeiras referências à escolha de padrinhos do curso, a quem cabe oferecer uma castanha estalada e, no final do ano, o livro do seu curso, enquanto os(as) afilhados(as), no final do ano, lhes oferecem o grelo⁶⁵. Saem de cena as «enfarruscadelas», entra o baile. Apresentado como um baile familiar que desempenhava a função social de consolidar os laços fraternais⁶⁶.

O papel social dos géneros e a dimensão da formação feminina no currículo das escolas do magistério primário adquire visibilidade, em 1964, quando as alunas-mestras servem o magusto⁶⁷ que, no relato de 1967, além das castanhas assadas e jeropiga, ainda é composto pelos bolos feitos pelas alunas-mestras⁶⁸.

A festa de 1964, coincide com a abertura do ano escolar, num programa recheado de eventos inusitados e pouco comuns – a avaliar pelos relatos anteriores – onde se incluem uma homenagem ao antigo Ministro da Educação Nacional Leite Pinto, sendo descerrada uma lápide no átrio da Escola e um retrato na biblioteca. José Queiroz, professor da disciplina de Psicologia,

⁵⁸ Cf. A. F. C. – Actividades da nossa Escola. *Rumo, Jornal [...]*. (1 de Janeiro de 1950).

⁵⁹ Cf. Caloira Envergonhada – Carta para longe. *Rumo, Quinzenário [...]*. (15 de Dezembro de 1956).

⁶⁰ Cf. A. F. C. – Ob. cit.. *Rumo, Jornal [...]*. (1 de Janeiro de 1950).

⁶¹ Cf. FIGUEIREDO, J. R. – Actividades da nossa Escola. *Rumo, Quinzenário [...]*. (18 de Dezembro de 1950).

⁶² Cf. JOMICO & ALCAPIO – De tudo um pouco Rescaldo do Magusto; trespasse. *Rumo, Quinzenário [...]*. (15 de Dezembro de 1951).

⁶³ Cf. LOPES, Álvaro S. – Festa de recepção aos antigos colegas. *Rumo, Quinzenário [...]*. (1 de Dezembro de 1955).

⁶⁴ Cf. SOUSA, João Luís Castro e – A escola esteve em Festa. *Rumo, Órgão [...]*. (1 de Fevereiro de 1965).

⁶⁵ Cf. Caloira Envergonhada – Carta para longe. *Rumo, Quinzenário [...]*. (15 de Dezembro de 1956).

⁶⁶ Cf. LOPES, Álvaro S. – Festa de recepção aos antigos colegas. *Rumo, Quinzenário [...]*. (1 de Dezembro de 1955).

⁶⁷ Cf. Homenagem ao Prof. Eng. Leite Pinto, Ministro da Educação na altura em que se construiu o actual edifício da nossa Escola. *Rumo, Órgão [...]*. (1 de Janeiro de 1965).

⁶⁸ Cf. RAMOS, Maria Helena de Oliveira – Recepção aos novos. *Rumo, Órgão [...]*. (Dezembro de 1967).

profere uma conferência intitulada «A função actual da escola»⁶⁹. Pela primeira vez o Conselho Escolar atribuiu o prémio D. Dinis, a conceder ao melhor aluno de cada ano, traduzindo alguma abertura da Escola à comunidade, na medida em que este prémio foi instituído pela Sociedade Central de Cervejas⁷⁰.

A festa de despedida dos(as) finalistas é muito semelhante à de recepção aos novos. Sublinhe-se que as práticas colectivas também evoluem alterando normas e condutas ou sendo alteradas por estas. Oferece um bom exemplo a narrativa sobre o baile da festa de despedida de Maio de 1968, que denuncia essa transformação e mostra como o relacionamento entre géneros e o olhar que sobre essa relação se recoloca. Estamos, ainda que timidamente, distantes do baile familiar de 1955 na Cúria⁷¹.

5 - A consagração ao Sagrado Coração de Maria

Dos relatos do *Rumo* somente uma cerimónia se realiza com regularidade anual, a consagração ao Sagrado Coração de Maria, cerimónia religiosa que representava, em cada ano, uma manifestação de fé à «Virgem Maria»⁷², por parte dos(as) alunos(as)-mestres(as) no final do seu curso.

A cerimónia, habitualmente precedida de um retiro e de uma missa, no final da qual era lida a fórmula⁷³ da consagração, ao longo dos anos ocorreu em vários locais, na Capela das Carmelitas, na Sé Velha, na Igreja de S. José e até no ginásio da Escola do Magistério Primário de Coimbra, em 1968⁷⁴, teve lugar em Fátima, em 1952 e 1967⁷⁵.

A cerimónia de consagração ao Sagrado Coração de Maria em 1952. Promoção de um acontecimento à escala nacional.

Na década em que Fátima se constituirá, definitivamente, no *altar do mundo*, os alunos-mestres Cipriano dos Santos, Gonçalo Reis Torgal, José Maria Dias Nogueira e Manuel Bernardo que à data constituíam a direcção do *Rumo*⁷⁶, em Janeiro de 1952, decidem equacionar a consagração – cerimónia «já tradicional»⁷⁷ em todas as escolas do magistério, colectiva e de «expressiva espiritualidade»⁷⁸ – de todos os finalistas do Magistério Primário, em Fátima⁷⁹.

⁶⁹ Cf. Homenagem ao Prof. Eng. Leite Pinto, Ministro da Educação na altura em que se construiu o actual edifício da nossa Escola. *Rumo, Órgão [...]*. (1 de Janeiro de 1965).

⁷⁰ Idem, ibidem.

⁷¹ Cf. NUNES, Maria Albertina – A Festa vista por mim... *Rumo, Órgão [...]*. (Maio de 1968).

⁷² Idem, ibidem.

⁷³ Cf. NOGUEIRA, Taborda – Festa da Consagração do Curso de 1958-60. *Rumo, Quinzenário [...]*. (15 de Março de 1960).

⁷⁴ Cf. SOUSA, Maria Natércia Costa – Consagração dos Finalistas a Nossa Senhora. *Rumo, Órgão [...]*. (Maio de 1968).

⁷⁵ Em relação à consagração de 1967, veja-se: Consagração dos Finalistas em Fátima. *Rumo, Órgão [...]*. (Maio de 1967).

⁷⁶ Cf. A Direcção do Rumo presta homenagem àqueles que até Fevereiro tão nobremente souberam dirigir o nosso jornal – Gonçalo José R. Torgal, Manuel Bernardo, Cipriano dos Santos e José Maria Nogueira. *Rumo, Quinzenário [...]*. (1 de Agosto de 1953).

⁷⁷ Aos finalistas do país. *Rumo, Quinzenário [...]*. (15 de Janeiro de 1952).

⁷⁸ Idem, ibidem.

Desde a primeira hora que a iniciativa foi granjeando simpatias e apoios. Recebem «incondicional apoio»⁸⁰ das autoridades eclesiásticas, manifestado em audiência pelo bispo de Coimbra, Ernesto Sena de Oliveira⁸¹. O poder político aceita presidir à Comissão de Honra, na pessoa do subsecretário da Educação Nacional⁸². De Fevereiro a Maio, o jornal não se cansou de elencar apoios. De autoridades políticas, como o Governo Civil de Coimbra⁸³ a responsáveis educativos como o Director do Distrito Escolar de Leiria⁸⁴. Dos jornais congéneres, como o *A.B.C.*⁸⁵ ou d'*O Leme*⁸⁶. Organizações como a Mocidade Portuguesa Feminina, cuja comissão aceita o convite que lhe foi formulado⁸⁷ até à Liga Escolar Católica (LEC) cuja direcção-geral⁸⁸ decide realizar a imposição de emblemas em Fátima.

Além destas organizações vem apoio e sugestões dos(as) colegas das outras Escolas⁸⁹. Em Março, *Rumo* confirma a adesão das escolas do Magistério Primário de Braga, Guarda e Lisboa⁹⁰. Depois a resposta positiva dos directores das Escolas do Magistério Primário de Évora, do Porto, de Vila Real e de Viseu⁹¹. De Bragança, «vêm todos»⁹² e de Faro, desistem de uma viagem a Sevilha, em nome de um «alto espírito de solidariedade cristã»⁹³ para estarem em Fátima, «ao natural prazer dum passeio à linda cidade andaluza preferiu o prazer sobrenatural duma peregrinação ao divinamente belo santuário nacional»⁹⁴. Por telegrama o director da Escola do Magistério Primário da Horta confirma que dia treze estarão em espírito⁹⁵.

⁷⁹ Idem, ibidem.

⁸⁰ Uma ideia de rumo – S. Ex.^a Arcebispo-Bispo conde abençoa rumo a concentração... *Rumo, Quinzenário* [...]. (15 de Abril de 1952). A nível das autoridades eclesiásticas registam ainda recebem o apoio do bispo de Leiria. Cf. Aos finalistas do país. *Rumo, Quinzenário* [...]. (15 de Abril de 1952).

⁸¹ Cf. Uma ideia de rumo – S. Ex.^a Arcebispo-Bispo conde abençoa rumo a concentração... *Rumo, Quinzenário* [...]. (15 de Abril de 1952).

⁸² Idem, ibidem.

⁸³ Idem, ibidem.

⁸⁴ Idem, ibidem.

⁸⁵ A.B.C. Publicação mensal dos alunos da Escola do Magistério Primário. Órgão da Escola do Magistério Primário de Vila Real. Veja-se: NÓVOA, A. Dir. – A Imprensa da Educação e Ensino. Repertório Analítico (Séculos XIX-XX). Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993, pp. 3-4. Cf. R. – Aos finalistas do país. *Rumo, Quinzenário* [...]. (15 de Março de 1952).

⁸⁶ *O Leme. Rumo à Criança*. Propriedade da Associação de Alunos da Escola do Magistério Primário de Évora. Veja-se: NÓVOA, A. Dir. – ob. cit., 1993, pp. 587-589. Cf. R. – ob. cit.

⁸⁷ Cf. Aos finalistas do país. *Rumo, Quinzenário* [...]. (1 de Maio de 1952).

⁸⁸ Cf. R. – ob. cit.. *Rumo, Quinzenário* [...]. (15 de Março de 1952).

⁸⁹ Idem, ibidem.

⁹⁰ Idem, ibidem.

⁹¹ Cf. Aos finalistas do país. *Rumo, Quinzenário* [...]. (1 de Maio de 1952).

⁹² A consagração dos finalistas em Fátima. *Rumo, Quinzenário* [...]. (15 de Maio de 1952).

⁹³ Idem, ibidem.

⁹⁴ Idem, ibidem.

⁹⁵ Cf. LOUREIRO, Francisco de Sousa – À partida (Fátima). *Rumo, Quinzenário* [...]. (15 de Junho de 1952).

A iniciativa enquadra a renovação dos votos pelos professores⁹⁶ – aos(às) quais o MEN concede justificação de falta⁹⁷ – afinal, os antigos alunos-mestres e antigas alunas-mestras, e envolve a organização de uma peregrinação, para a qual se constituiu um «numeroso grupo»⁹⁸, até ao santuário de Fátima⁹⁹, partindo de Coimbra e coincidindo a chegada com a cerimónia de consagração¹⁰⁰.

O programa divulgado a 15 de Maio, sofrerá correcções em Junho¹⁰¹, foi aprovado pelo bispo de Leiria e prevê no dia 12, às vinte e duas horas a concentração na Cruz Alta – recomendando-se, para identificação, o uso de «um lacinho ou fitinha verde na gola ou na lapela»¹⁰² –, estabelece a escala das escolas para a «velada» e tem no dia 13, como momentos altos, a entrega dos emblemas aos novos lecionistas e, às dez horas, a missa e a consagração, cuja fórmula é publicada no primeiro *Rumo* de Junho¹⁰³.

Coube a Gonçalo Reis Torgal realizar uma reflexão crítica sobre o acontecimento, apresentando Fátima como «o altar de uma consagração»¹⁰⁴, ponto de encontro da alegria, fé, de amor a Deus e à Virgem, para onde «convergiam» todos, física e espiritualmente¹⁰⁵, «unidos na mesma ideia»¹⁰⁶.

6 - Órgãos, secções e organizações

É preciso esperar por 1964 para, no *Noticiário*, secção então dirigida por Horário Pires, tomar conhecimento dos órgãos dos(as) alunos(as) existentes na Escola e das comissões eleitas por curso, que as gerem: a Associação dos Estudantes, a Conferência de S. Vicente de Paulo, a LIAM e o Balcão de Vendas¹⁰⁷.

⁹⁶ Cf. Uma ideia do rumo – aos finalistas do país. *Rumo, Quinzenário* [...]. (1 de Fevereiro de 1952)

⁹⁷ Cf. Ob. cit.. *Rumo, Quinzenário* [...]. (1 de Maio de 1952); Ob. cit.. *Rumo, Quinzenário* [...]. (15 de Maio de 1952).

⁹⁸ Ob. cit.. *Rumo, Quinzenário* [...]. (1 de Maio de 1952).

⁹⁹ Idem, ibidem.

¹⁰⁰ Ao longo das páginas do Rumo existem alguns textos dedicados a peregrinações realizadas por membros do corpo discente, bem como docente, da Escola. Veja-se a mero título de exemplo: ROMÃO, José P. – Fátima, terra de fé. *Rumo, Quinzenário* [...]. (15 de Junho de 1956). SORETO, Humberto Marinheiro – Peregrinação a Fátima. *Rumo, Órgão* [...]. (1 de Outubro de 1965).

¹⁰¹ Cf. Ob. cit.. *Rumo, Quinzenário* [...]. (15 de Maio de 1952). A consagração dos finalistas em Fátima. *Rumo, Quinzenário* [...]. (1 de Junho de 1952)

¹⁰² Ob. cit.. *Rumo, Quinzenário* [...]. (15 de Maio de 1952).

¹⁰³ Cf. Fórmula da Consagração (Fátima). *Rumo, Quinzenário* [...]. (15 de Junho de 1952).

¹⁰⁴ TORGAL, Gonçalo Reis – Uma Ideia de «Rumo». Os finalistas do país renderam homenagem à Virgem de Fátima. A seus pés mostraram a devoção e o entusiasmo que os há-de orientar por toda a vida. *Rumo, Quinzenário* [...]. (1 de Julho de 1952).

¹⁰⁵ Idem, ibidem.

¹⁰⁶ Idem, ibidem.

¹⁰⁷ Cf. PIRES, Horário Martins da Silva – Noticiário. *Rumo, Órgão* [...]. (1 de Março de 1964).

Da Associação de Estudantes é tudo¹⁰⁸. O Balcão de Vendas tem um fim assistencial, cujos lucros revertem para as crianças carenciadas das escolas, permitindo distribuir, anualmente, roupas e material escolar. Sublinha-se a importância de os(as) alunos(as)-mestres(as) comprarem ali o material que necessitam, competindo à comissão apetrechar o balcão com o material procurado, da melhor qualidade e ao melhor preço¹⁰⁹. Das restantes organizações, pela sua importância na década de sessenta, é merecedora de especial atenção a Liga Intensificadora de Acção Missionária (LIAM).

A Liga Intensificadora de Acção Missionária (1961-1969)

A LIAM remonta ao ano de 1937 e iniciou o seu movimento de penetração nas Escolas do Magistério Primário em 1959¹¹⁰. Através do *Rumo* estabelecemos dois momentos essenciais: as festas, que se realizaram na Escola em 1961 e 1962 e os encontros em que se empenharam, pelo menos, um professor, José Maria Gaspar, e um conjunto de alunos(as)-mestres(as), alguns deles interventores no jornal.

As festas que, aparentemente, tinham como objectivo a imposição das insígnias aos novos liamistas, tiveram a mesma estrutura, iniciando-se sempre com uma missa¹¹¹. Em 1961, após a missa – que pela primeira vez em Portugal se realizou intra-muros escolares e por isso mesmo mereceu elogios do director da LIAM – teve lugar a imposição das insígnias, seguida da visita a uma exposição sobre o Ultramar português¹¹².

As festas tinham carácter institucional envolvendo a Escola, estando representada pelo seu director, os(as) professores(as) e os alunos(as)-mestres(as), facto referido por José Alberto Ferraz Martins, na festa de 1962¹¹³. Em geral composta por algumas «variedades», discursos ou conferências¹¹⁴, encerrava com a passagem de filmes com carácter recreativo e cultural e sobre «assuntos relativos à Acção Missionária no Ultramar Português»¹¹⁵.

Tomando como paradigma de programa o Encontro de 1963, em Guimarães, destaca-se a articulação de momentos de trabalho conjunto com tempos de reflexão pessoal, bem como as necessárias cerimónias religiosas, sem esquecer os momentos de convívio¹¹⁶. O espaço privilegiado de convívio era o Fogo Missionário e, no domínio recreativo, existia sempre uma excursão que em muitos dos encontros se tratou de uma viagem a Espanha¹¹⁷.

¹⁰⁸ Apenas merecerá outra referência no *Rumo*. Cf. NOGUEIRA, Taborda – Ob. cit.. *Rumo, Quinzenário [...]*. (15 de Outubro de 1960).

¹⁰⁹ Cf. A. C. P. – O nosso balcão. *Rumo, Quinzenário [...]*. (1 de Junho de 1955).

¹¹⁰ Cf. NEIVA, A. Torres – *Animação Missionária Espiritana em Portugal*. [Consult. 2005-08-16] Disponível em WWW: <URL: <http://www.espiritanos.org>>

¹¹¹ Cf. Uma Liamista – A festa da LIAM. *Rumo, Mensário [...]*. (1 de Março de 1961).

¹¹² Idem, ibidem.

¹¹³ Cf. MARTINS, José Alberto Ferraz – A festa da LIAM. *Rumo, Órgão [...]*. (1 de Fevereiro de 1962).

¹¹⁴ Idem, ibidem.

¹¹⁵ Idem, ibidem.

¹¹⁶ Cf. MOREIRA, Antero Lopes – O encontro da LIAM. *Rumo, Órgão [...]*. (1 de Outubro de 1963).

¹¹⁷ Cf. GASPAR, Quim – Pela Pátria. *Rumo, Órgão [...]*. (1 de Dezembro de 1964). Vejam-se ainda: CARDOSO, A. – Encontro Missionário de 1962. *Rumo, Órgão [...]*. (1 de Outubro de 1962). MOREIRA, Antero Lopes – O encontro da

O ambiente dos encontros é sempre narrado como de «indescritível camaradagem» em que um ambiente «salutar» serviu uma vivência harmoniosa plena de entusiasmo e «alegria impressionante» que transparece nos «rostos cristãos» dos(as) jovens¹¹⁸. Luísa Lamela, bem próximo da posição de A. Cardoso cinco anos antes, relata-nos o entusiasmo e frenesim do reencontro, entre encontristas, um ano depois, bem como a forma rápida e intensa de integração das novas amizades¹¹⁹.

A LIAM tinha um núcleo devidamente organizado na Escola do Magistério Primário de Coimbra, que realizava reuniões semanais¹²⁰ e os(as) participantes dos encontros tinham de se preparar previamente, reunindo-se na Escola, pelo menos para a sua intervenção nos fogos missionários¹²¹.

Mas por que razão se participava num Encontro da LIAM? O que levava as pessoas a participarem, na óptica de A. Cardoso, era o desejo de ampliar o Portugal Missionário e a possibilidade de ver crescer a sua própria fé¹²². Era a vontade individual de aperfeiçoamento pessoal e o desejo de contribuir para o aperfeiçoamento dos outros. O aperfeiçoamento, como assinala Quim Gaspar, é a razão de ser destes encontros anuais da LIAM¹²³.

Já em 1969 se dá conta da realização de encontros regionais no distrito de Coimbra e disponibiliza-se o programa do próximo. A mesma nota da redacção informa que as inscrições devem ser feitas para a residência do Inspector José Maria Gaspar, antigo professor da Escola do Magistério Primário de Coimbra, ou para a Delegação Escolar da Lousã, o que mais uma vez deixa no ar uma proximidade institucional¹²⁴, para além da Escola do Magistério Primário.

Concluindo...

Destacaria quatro aspectos que parecem transparecer da análise que realizámos:

- i) A importância atribuída à interligação entre o edifício da escola e a formação ministrada.
- ii) A marcada vivência católica que emerge das práticas quotidianas na escola e nas organizações existentes.
- iii) As relações entre alunos(as)-mestres(as) entre si e com professores(as) caracterizadas por uma amizade e sã camaradagem que se alarga ao ambiente da escola traduzido pelo *familismo*.

LIAM. *Rumo, Órgão* [...]. (1 de Outubro de 1963). LAMELA, Maria Luísa Beirão Faria – Apontamentos do VI Encontro Liamista. *Rumo, Órgão* [...]. (1 de Dezembro de 1967).

¹¹⁸ Cf. CARDOSO, A. – Encontro Missionário de 1962. *Rumo, Órgão* [...]. (1 de Outubro de 1962).

¹¹⁹ Cf. LAMELA, Maria Luísa Beirão Faria – Apontamentos do VI Encontro Liamista. *Rumo, Órgão* [...]. (1 de Dezembro de 1967).

¹²⁰ Cf. GASPAR, Quim – Pela Pátria. *Rumo, Órgão* [...]. (1 de Dezembro de 1964).

¹²¹ Cf. Encontro de férias da L. I. A. M.. Guimarães - 2 a 6 de Setembro de 1963. *Rumo, Órgão* [...]. (1 de Julho de 1963)

¹²² Cf. CARDOSO, A. – Encontro Missionário de 1962. *Rumo, Órgão* [...]. (1 de Outubro de 1962).

¹²³ Cf. GASPAR, Quim – Pela Pátria. *Rumo, Órgão* [...]. (1 de Dezembro de 1964).

¹²⁴ Cf. Liga Intensificadora de Acção Missionária L. I. A. M. 1º Encontro Regional no Distrito de COIMBRA. *Rumo, Órgão* [...]. (1 de Janeiro de 1969).

iv) O esboçar de uma tímida evolução nas práticas colectivas de cujas cerimónias transparece o investimento simbólico e ideológico do Estado Novo.